

Professora de Português como Língua Estrangeira na *Università di Bologna* (Itália) e doutoranda em *Traduzione, Interpretazione e Interculturalità* na mesma universidade.

Resumo: Nosso objetivo é propor uma reflexão sobre a interface do Português do Brasil e do italiano nas formulações de ordens, e sua aplicabilidade no ensino/aprendizagem do português a italo falantes. A partir dos referenciais teóricos da Teoria dos Atos de Fala, da Sociolinguística Interacional e do Interculturalismo, descrevemos as estruturas verbais presentes nas ordens dos brasileiros e italianos, e analisamos as diferenças e os motivos culturais que levam à construção de tais enunciados. Nosso *corpus* é construído com dados obtidos através de um questionário aplicado no Brasil e na Itália, com a simulação de uma situação real em dois contextos: no bar/pub e no restaurante. A despeito de certas similaridades linguísticas e culturais, encontramos relevantes diferenças entre as identidades de brasileiros e italianos.

Palavras-chave: Português brasileiro como língua estrangeira. Italiano. Atos de fala. Língua/cultura.

The interface of Portuguese and Italian in the formulation of commands

Abstract: Our aim is to propose a discussion about the interface of Brazilian Portuguese and Italian when one formulates orders, and about the applicability of such debate on the learning/teaching of Portuguese to Italian speakers. Adopting a theoretical framework that is grounded on the theory of Speech Acts, of Interactional Sociolinguistics and of Interculturalism, we describe the verbal structures in commands performed by Brazilian and Italian speakers. We analyze the differences and the cultural reasons that lead to the construction of such utterances. The research corpus was built upon data obtained in Brazil and Italy by means of a questionnaire, of a simulation of real situation within both contexts: at a bar/pub and at a restaurant. Despite the linguistic and cultural similarities, the data revealed relevant differences between the identities of Brazilian and Italians.

Key words: Brazilian Portuguese as a Foreign Language. Italian. Speech Acts. Language/Culture.

Introdução

Dentre os variados tópicos de relevância no processo de ensino/aprendizagem do português do Brasil a italo falantes, destacamos a importância dos atos de fala para o sucesso das relações interpessoais entre os dois povos em diferentes contextos. Tal importância se deve ao fato de que o desconhecimento das estratégias linguístico-discursivas da língua-alvo, que são condicionadas pelo contexto e pela cultura de cada país, pode causar mal-entendidos linguísticos e culturais. O brasileiro, por exemplo, por ser um *homem cordial* (Holanda, 2002), poderia estranhar a pouca afetuosidade e o distanciamento no comportamento do italiano em determinadas situações. O

italiano, por sua vez, poderia julgar negativamente o brasileiro, uma vez que ele não se expressa sempre de acordo com os padrões esperados pela cultura italiana.

Destarte, o objetivo deste trabalho¹ é fornecer uma análise comparativo-interpretativa de algumas formulações de ordens feitas por brasileiros e italianos em dois contextos: no bar/pub e no restaurante. Visamos analisar os enunciados encontrados na nossa pesquisa através de alguns conceitos interdisciplinares, assim como os fatores culturais que condicionam a sua escolha, com a finalidade de fornecer instrumentos ao aprendiz italiano para que ele possa utilizar essas formulações de forma bem-sucedida nos contextos de que participa.

1. Aspectos teóricos e metodológicos

Partindo do estudo das gramáticas tradicionais do português como língua materna (LM), no que concerne aos conceitos e usos do ato de fala de ordenar, pode-se dizer que, de forma geral, estas apontam o imperativo como o modo apropriado para manifestarmos o desejo de que uma ou mais pessoas cumpram a ação indicada pelo verbo. Dessa forma, segundo a Nova Gramática do Português Contemporâneo (Cunha & Cintra, 2007), empregamos o modo imperativo nos enunciados que exprimem pedidos/solicitações e ordens, mas também podemos substituir o imperativo pelo presente do indicativo para atenuarmos o caráter imperativo da frase. Cunha & Cintra postulam ainda alguns recursos estilísticos de atenuação da ordem:

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar [...], pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: *por favor, por gentileza, digne-se de, tenha a bondade de*, etc. (Cunha & Cintra, 2007, p. 496).

Os autores apontam, também, a extrema importância do tom de voz para a eficácia da vontade expressa pelo imperativo e pelas fórmulas de cortesia empregadas. Segundo eles, conforme o tom da voz, a noção de comando pode atenuar-se ou tornar-se rude não obstante as fórmulas de cortesia.

¹ O presente trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2009.

Ao examinarmos os usos do ato de fala de ordenar na gramática de português para itálofonos “Grammatica del Portoghese Moderno” (Abreu e Murteira, 2005), encontramos exemplos cuja análise se mostra interessante. No tópico “Chiedere qualcosa di concreto e dare degli ordini” do capítulo intitulado “Dare ordini, consigliare, proibire”, as autoras afirmam que para pedir algo ou dar uma ordem é possível utilizarmos construções com: a) verbo no imperativo afirmativo ou negativo; b) verbo *poder* (no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo) + infinitivo; c) expressão *ser capaz de* (no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo) + infinitivo e d) perguntas no presente do indicativo (com o exemplo: “Passas-me o vinho, por favor?”).

Observamos, todavia, que as gramáticas de português como LM e LE/L2, em geral, não abordam o tema de maneira abrangente, pois não apresentam as diferentes possibilidades das formulações de ordens em situações reais de comunicação e, principalmente, não consideram os aspectos contextuais e culturais que estão relacionados às escolhas feitas pelos falantes.

Dessa forma, através de uma abordagem interdisciplinar, que faz uso dos conceitos desenvolvidos pela Teoria dos Atos de Fala, pela Sociolinguística Interacional e pelo Interculturalismo, procuramos identificar e analisar o funcionamento das estratégias linguísticas utilizadas nos atos de fala de ordenar nas culturas brasileira e italiana.

Considerando a Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por Austin (1990) e levada adiante por Searle (2002), ao formularmos uma ordem realizamos, na maioria das vezes, um ato de fala diretivo cuja força ilocucionária é justamente o desejo de realização das respectivas ações. Le Berre (2007, p. 56), citando Kerbrat-Orecchioni (2005), diz que a relação entre o contexto e o texto é dialética, ou seja, “o contexto institucional determina em grande medida quais são os atos permitidos ou proibidos a cada interagente”. Kerbrat-Orecchioni (2005) diz que a ordem funciona geralmente como um marcador de posição hierárquica, na qual o locutor se coloca em posição superior em relação ao interlocutor. Le Berre (2007, p. 52) diz que “nesse caso, a não realização da ordem implica algum tipo de penalização para o interlocutor, uma vez que a pessoa que recebe a ordem tem uma obrigação social de realizar a ação desejada”.

Para Searle (2002), os atos de fala diretivos subdividem-se em diretos e indiretos. Os atos diretos são enunciados claros e objetivos, e são realizados através de determinadas formas linguísticas (tais como certos tempos e modos verbais

específicos), expressões estereotipadas (como, *por favor* ou *por gentileza*), entonação (tal como um tom interrogativo), etc. Por outro lado, os atos diretivos indiretos, segundo o autor, se dão quando o falante comunica ao ouvinte mais do que ele efetivamente diz. Assim, em enunciados como *Você pode me trazer uma água?*, esperamos que o interlocutor nos traga a água, e não apenas responda se ele pode ou não realizar a ação.

A abordagem Sociolinguística Interacional propõe o estudo da língua na interação social e cultural. Segundo Brown e Levinson (1987), as teorias de polidez estão intimamente relacionadas com os atos de ameaça à face. Os autores afirmam que a preservação da face é a motivação lógica da polidez. O conceito "face", tal como foi sugerido por Goffman (1959), envolve a imagem que cada indivíduo reivindica para si mesmo nas relações sociais, de acordo com atributos comunitariamente aprovados.

Segundo Albuquerque (2003), citando Lim (1994), a camaradagem é um dos principais fatores para a constituição da face. A noção de camaradagem, que envolve valores como amizade, cooperação, e inclui o desejo de fazer parte de um grupo, mostrar-se-á relevante quando analisarmos alguns dos enunciados proferidos pelos brasileiros. Em relação ao tema de nossa pesquisa, é importante observar que:

do ponto de vista cultural, o conjunto de fatores que constituirá o processo discursivo de preservação ou de ameaça à face do outro irá variar de sociedade para sociedade (Albuquerque, 2003, p. 21).

Baseando-se em alguns conceitos propostos pelo Interculturalismo e nas diferenças culturais, Meyer (2008), citando Bennett (1998), classifica a cultura de duas maneiras:

Enquanto a cultura objetiva consiste das manifestações visíveis de uma dada sociedade – arte, literatura, música, ciência, religião, política, língua –, ou seja, o que se pode chamar de produtos concretos de uma sociedade, a cultura subjetiva pode ser encontrada nas suas manifestações invisíveis – valores, moralidade, crenças, comportamento, uso da linguagem, ou seja, os conteúdos abstratos dessa sociedade (Meyer, 2008, pp. 3-4).

Bennett (1998) afirma ainda que a maneira de pensar e de ver o mundo de cada indivíduo é fortemente influenciada pela sua cultura. É importante ressaltar que, em situações de cruzamento de culturas, as diversidades aparentes no comportamento comunicativo não devem ser motivos de críticas em relação aos valores do outro. Para o referido autor, criam-se os estereótipos quando acreditamos

que todos os membros de uma cultura tenham as mesmas características ou se comportem de uma mesma maneira; ou seja, quando geralmente desconhecemos o outro e fazemos falsas generalizações a seu respeito. Conscientes das diferenças culturais entre brasileiros e italianos, vistas a partir do prisma do individualismo, bem como do coletivismo, trataremos da cultura subjetiva em nossa análise de dados, a fim de alcançarmos a compreensão da outra cultura.

O *corpus* deste trabalho é construído com dados obtidos através de um questionário aplicado no Brasil e na Itália, com simulações de situações reais e bastante comuns no dia a dia das pessoas. Com o objetivo de comparar e analisar a maneira de ordenar dos brasileiros e italianos, propusemos uma mesma situação de ordem em dois contextos distintos. Indagamos de que forma os nossos informantes chamariam o garçom e pediriam uma bebida, seja em um bar/pub, seja em um restaurante. É imprescindível ressaltar que, apesar de usarmos o verbo *pedir* nesses dois contextos (onde em italiano, o verbo frequentemente usado é "*ordinare*" – *ordenar*), consideramos os enunciados dos falantes como ordem, porquanto quem anuncia detém maior poder que seu interlocutor.

Nosso questionário foi respondido por 20 informantes, de idade entre 18 e 60 anos; os grupos compuseram-se da seguinte maneira: a) 10 falantes de português como língua materna residentes no Brasil; b) 10 falantes de italiano como língua materna residentes na Itália.

2. Análise das formulações de ordens de brasileiros e italianos

2.1. No bar/pub

O bar – mais conhecido pelos brasileiros como "barzinho" – ou o *pub* são locais de descontração nos quais, em geral, bebemos acompanhados de amigos. No entanto, cada cultura percebe a realidade de maneira diferente, o que faz com que a representemos linguisticamente também de maneira diferente (Bennett, 1998). Por esse motivo, consideramos como equivalentes bar e *pub* – ambos ambientes informais – para abranger a concepção de tais estabelecimentos para as duas culturas: brasileira e italiana, respectivamente.

No grupo dos brasileiros residentes no Brasil, encontramos alguns dos seguintes enunciados para as formulações de ordens em um bar/pub:

Exemplo 1

- Por favor, traz um 'x'.²

Exemplo 2

- Oi! Me vê uma cerveja?

Exemplo 3

- Opa! Me vê uma cervejinha, por favor...

Exemplo 4

- Amigo! Me dá um chá gelado no capricho.

Analisando os exemplos, observamos que os informantes comumente começam o ato de fala com uma saudação. O simples emprego da saudação *oi*, da interjeição *opa* – como cumprimento de abertura –, ou da forma de tratamento *amigo* – como forma de chamamento no ato de ordenar –, já atenua a intenção da ordem e cria uma proximidade entre os interlocutores. Deste modo, os brasileiros se utilizam de valores como a camaradagem e a amizade para preservarem suas próprias ações e, conseqüentemente, a ameaça às faces dos interlocutores.

Através do uso, no exemplo 1, da expressão cristalizada de polidez, *por favor*, como elemento introdutório do enunciado, o falante deixa explícita a atenuação da ordem fazendo-a transparecer *quase* como um pedido. Notamos que o brasileiro, em geral, também usa a típica expressão popular *me vê* para dissimular a ordem e criar uma atmosfera amigável com o interlocutor. Além disso, no exemplo 2, a apresentação do enunciado em forma de pergunta é um dos recursos frequentemente usados como uma forma de atenuar o tom autoritário da ordem. Da mesma forma, no exemplo 1, o verbo *trazer* conjugado no presente do indicativo, ao invés do imperativo, também é usado como uma estratégia de polidez para suavizar a ordem³ (Meyer, 1999).

Além das estratégias citadas, os informantes brasileiros também utilizam o sufixo *-inha*, como no exemplo 3 – *cervejinha* –, e a expressão *no capricho*, como no exemplo 4, para criar uma relação mais íntima e conseguir obter a solidariedade do

² É importante informar que foram mantidas as formas originais fornecidas por todos os informantes.

³ Em certas regiões do Brasil, "o emprego da forma imperativa para ordens, pedidos e sugestões representa uma atitude demasiadamente autoritária, desprovida de polidez" (Meyer, 1999, p. 150). Note-se que na Itália o imperativo tem um uso mais corrente, sem implicar necessariamente um tom autoritário.

interlocutor para realização da ação desejada, sem que seja necessário utilizar estratégias de explicitação de poder.

Vejamos, então, as formulações de ordem dos informantes italianos:

Exemplo 5

- *Scusa, potresti portarmi dell'acqua? Grazie.*

Exemplo 6

- *Scusi, può portarmi una coca per cortesia?*

Exemplo 7

- *Mi scusi potrei ordinare da bere?*

Exemplo 8

- *Scusa mi porteresti 1 birra ghiacciata?*

Percebemos através dos exemplos que os italianos, mesmo tratando-se de uma ordem, constroem o enunciado por meio da indiretividade – ao contrário dos brasileiros que, neste caso, formulam um ato diretivo direto. Ressaltamos também que, embora a ação aconteça em um contexto informal, 100% dos italianos iniciaram a frase com o verbo “scusare” (correspondente ao verbo *desculpar* em português – vale lembrar, todavia, que geralmente abrimos o canal de comunicação no Brasil com as expressões *com licença, dá licença, por favor*) e 60% deles empregaram tal verbo na 3ª pessoa do singular, que, em italiano, é usada como forma de cortesia e respeito equivalente ao pronome “Lei” (correspondente ao nosso *o senhor/a senhora*). Além disso, mais da metade dos informantes italianos usou o verbo modalizador (*poder*) no futuro do pretérito do indicativo. Destacamos, portanto, a formalidade e o distanciamento do interlocutor na maioria das formulações de ordens.

2.2. No restaurante

Com o objetivo de verificar as possíveis diferenças existentes entre os enunciados proferidos em um restaurante e em um *bar/pub* – ambientes com graus de formalidade distintos –, vejamos algumas das ordens formuladas pelos informantes brasileiros:

Exemplo 9

- Vou querer um refrigerante.

Exemplo 10

- Boa noite! Eu queria uma cerveja, por favor.

Exemplo 11

- Boa noite, eu quero uma coca light, por favor.

Exemplo 12

- Garçom, por favor, poderia me trazer...?

A partir desses enunciados, constatamos o uso do verbo *querer* em diferentes tempos verbais. Consideramos a asserção *eu quero*, no exemplo 11, como uma ordem explícita na qual a vontade do locutor é expressa de forma direta. É essencial recordamos que, em casos como esses, o tom de voz é fundamental para a atenuação ou não da ordem. Por outro lado, a locução verbal *vou querer*, no exemplo 9, e, mais ainda, o emprego do verbo no futuro do pretérito (*eu queria*), no exemplo 10, atenuam a imposição da ordem e ameaça à face dos interlocutores. Nota-se que o uso de *por favor* nesses exemplos também contribui para minimizar o efeito negativo da ordem.

Ademais, percebemos que os brasileiros, de modo geral, tendem a formular as ordens no restaurante com algumas características linguísticas que denotam certa formalidade. Isto é, verificamos que 50% dos informantes construíram o enunciado com um verbo no futuro do pretérito e escolheram saudações, como *boa noite*, que caracterizam um distanciamento do interlocutor. No entanto, nenhum dos informantes usou o pronome de tratamento *o senhor/a senhora* em seus enunciados.

Vejamos as construções do grupo dos italianos:

Exemplo 13

- *Mi scusi, posso avere...*

Exemplo 14

- *Mi scusi potrei avere una bottiglia d'acqua? Grazie mille.*

Exemplo 15

- *Scusi, può venire a prendere le ordinazioni? Vorrei una bottiglia di minerale/vino.*

Exemplo 16

- *Mi scusi mi porterebbe cortesemente da bere?*

Os exemplos ratificam uma tendência que já havíamos mencionado acima, a saber, o emprego do verbo “scusare” para abrir o canal de comunicação é marca constante nos atos de fala indiretos dos italianos. Nesse contexto, 100% dos italianos usaram a forma de cortesia (pronome “Lei” implícito, com o verbo na 3ª pessoa do singular) em suas ordens. Deparamo-nos, assim, com algumas marcas típicas do discurso italiano que definem as imagens reivindicadas por eles nas interações interpessoais e que contribuem para a preservação de suas faces.

Considerações finais

Reconhecida a importância do contexto no processo de ensino/ aprendizagem de uma língua estrangeira, consideramos relevante examinar os atos de fala de ordenar de brasileiros e italianos em contextos com graus de formalidade distintos. Com a análise de dados constatamos as diferentes estratégias utilizadas pelos dois grupos de informantes, seja no bar/pub, seja no restaurante. Verifica-se, portanto, que a formulação e o uso eficiente de uma ordem exigem algumas habilidades interpessoais e certa competência linguística do locutor. É importante, dessa forma, que o aprendiz italiano conheça o comportamento social dos brasileiros, as estratégias linguísticas utilizadas no português do Brasil, assim como a diversidade de construções disponíveis – certamente não esgotadas neste trabalho – em diferentes situações de interação para que ele consiga se comunicar com sucesso na língua-alvo. Enfim, dada a escassez de estudos comparativos entre o português brasileiro e o italiano, constatamos a premência de mais trabalhos que tratem desse tópico nos vários contextos que não foram por nós analisados.

Referências

ABREU, M. H. e MURTEIRA, R. B. *Grammatica del Portoghese Moderno*. Bologna: Zanichelli, 2005.

ALBUQUERQUE, A. F. S. *A construção dos atos de negar em entrevista televisiva: uma abordagem interdisciplinar do fenômeno em PLM com aplicabilidade em PLE*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2003.

- AUSTIN J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENNETT, M. *Basic concepts of intercultural communication*. USA: Intercultural Press, 1998.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. 2ª ed., Cambridge, CUP, 1987.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1959.
- HOLANDA, S. B. de *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Os atos de linguagem no discurso*. Tradução de Fernando Afonso e Irene Dias. Niterói: EdUFF, 2005.
- LE BERRE, C. C. *Formulações dos atos diretivos, em língua oral, no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 2007.
- LIM, T. *Facework and interpersonal relationships*. In: S.TING-TOOMEY (ed) *The challenge of aceworks*. New York: University of New York press, 1994.
- MEYER, R. M. B. *Moço, me vê o cardápio: as formas de tratamento e o modo do subjuntivo no ensino do português carioca para estrangeiros*. In: GÄRTNER, E. ET al. *Estudos sobre o ensino da língua portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, pp. 141-151, 1999.
- _____ *Questões interculturais entre o português do Brasil e o espanhol latinoamericano*. Trabalho apresentado no III Simpósio Sobre Ensino de Português para Falantes de Espanhol da UNICAMP, 2008.
- OLIVEIRA, M.C.L. *Manda quem pode. Ou quem não tem juízo*. Um estudo de diretivos no discurso empresarial brasileiro. In HEYE, J. (Org.) *Flores Verbais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- SEARLE, J. R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza. M. Garcia - 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.